

O USO DE TECNOLOGIAS (TIC) NA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO BILÍNGUE LIBRAS/PORTUGUÊS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

*The use of technologies (ICT) in the production of
Bilingual educational material Libras/Portuguese
in Viçosa Federal University*

*André Luis Santos de Souza¹
José Timóteo Júnior²*

RESUMO

Este artigo busca refletir a partir de uma pesquisa etnográfica e observação participante junto a uma equipe organizada para produzir material didático bilíngue Libras/Português na Universidade Federal de Viçosa – UFV. Busca-se analisar o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no processo de produção, transposição linguística e produção de material didático visual que atendessem a um estudante surdo matriculado no curso de engenharia civil. Para isso, foram realizados grupos de estudos, reuniões com intérpretes e surdo, visita técnica a TV INES e participação no Fórum Bilíngue do INES. O processo de produção de aulas-sinalizadas consistia em transpor conteúdos de três disciplinas do curso de Engenharia Civil para a Língua de Sinais. Nesse sentido, foi necessária a cri-

¹ Graduado em Licenciatura e Bacharelado, Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professor de Sociologia no ensino médio em rede privada de ensino. Professor de Libras para ouvintes no Curso de Extensão em Língua Brasileira de Sinais – CELIB. E-mail: andreconatus@gmail.com

² Graduado em Comunicação Social/Jornalismo, Universidade Federal de Viçosa (UFV). Coordenador do setor de Produção Audiovisual na Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância – CEAD/UFV. E-mail: jtjcomufv@gmail.com

ação de alguns sinais específicos de conceitos e termos. O material didático ficará disponível *on line* e o surdo poderá assistir e baixá-lo. A aula-sinalizada expõe o conteúdo em libras, português escrito, imagens e animação, mesclando vídeo com slides.

Palavras-chave: LIBRAS, NTIC, Material Bilíngue, Ensino Superior

ABSTRACT

This article seeks to discuss, through an ethnographic research and participant observation, planned with a team organized to produce bilingual (LIBRAS/ Portuguese) didactic material in Universidade Federal de Viçosa – UFV. We analysed the use of information and communication technologies in the production process, as well as the linguistic transposition, and the steps of the content production, planned to attend a deaf student, registered in the Civil Engineering course. To achieve that purpose we did study group meetings, and we arranged meetings with sign language interpreters, as well as with the deaf student. We also visited to TV INES and participated on INES Bilingual Forum, at Rio de Janeiro city. The production process of the "signed didactic video" were planned to transfer the content of three Civil Engineering disciplines to the signal language. In this sense, we found out that it were necessary the creation some new signs for specific concepts and terms of those subjects. The didact material is intended to be available on line, watchable and downloadable: the signed videos bring content in LIBRAS, written Portuguese, and still or animated images, mixing video and slides.

Keywords: LIBRAS, NICT, Bilingual Content, higher education.

INTRODUÇÃO

A inclusão de surdos no ensino superior, a partir de Políticas de Ações Afirmativas e do reconhecimento legal da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), constitui a realidade atual de universidades públicas e privadas. Sendo assim, além de garantir o acesso de pessoas surdas aos espaços acadêmicos, é fundamental construir condições físicas e simbólicas que garantam a permanência dessas pessoas nesses espaços. A produção de material bilíngue, voltado para o atendimento do público surdo inserido nesse contexto, torna-se uma demanda prioritária. Tal demanda surge em consonância com o reconhecimento de direitos reservados à população surda do Brasil (Lei n°. 10.436 de 24 de abril 2002, DECRETO N° 5.626/2005 e LDB/1996).

No panorama atual, a realidade da educação para surdos reflete o reconhecimento de uma diversidade linguística e cultural manifestada por esses sujeitos. Além disso, no campo dos direitos, os surdos usuários da LIBRAS têm o respaldo legal para poderem se expressar a partir de sua modalidade linguística visual-espacial (QUADROS; KARNOPP, 2004). Porém, os obstáculos que muitos surdos ainda encontram nos cenários educacionais demonstram uma direção oposta a isso. Muitas vezes os surdos são tratados como incapazes e estimulados com base nas práticas do oralismo, o que dificulta o processo de ensino e aprendizagem, além de não garantir, de fato, a inclusão deles no espaço dos ouvintes (WITKOSKI, 2009).

Frente a isso, preconiza-se a concepção educacional bilíngue para surdos em todos os níveis de ensino: considerando a Língua de Sinais sua primeira língua e o Português escrito sua segunda língua (STUMPF, 2006; 2010). Ações surgem no sentido de buscar estratégias para superar alguns dos obstáculos postos à educação bilíngue para surdos. Tais ações vão além da legislação e garantem sua aplicação, muitas vezes negligenciada por algumas instituições

por conta de desinformação, falta de capacitação dos professores e preconceitos explicitados pelos agentes inseridos nos contextos educacionais.

Contudo, a nova base que sustenta a concepção educacional bilíngue Libras/Português, ainda que irrisória, trata o surdo como um diferente e não como um deficiente. Ou seja, com base em uma concepção socioantropológica que compreende a “surdez” como uma condição diferente e não como uma doença do corpo. Nesta concepção, “tornar visível a língua desvia a concepção da surdez como deficiência – vinculada a lacunas na cognição e no pensamento – para uma concepção da surdez como diferença linguística e cultural” (GESSER, 2010, p.9-10).

Partindo disso, historicamente se delinearão novas concepções educacionais e legais para a interação e sociabilidade de surdos no Brasil. Entretanto, a consonância com a produção de materiais didáticos, a transposição linguística e o tratamento dado aos surdos nas salas de aula (do ensino básico ao superior) não apresentam um quadro satisfatório. Muitos surdos relatam que não têm a presença do intérprete em sala e, quando o tem, esses intérpretes não possuem fluência em LIBRAS. Ou então o próprio surdo não sabe ou não tem fluência em tal língua. Assim, a problemática que se coloca vai além de simplesmente garantir ingresso dos surdos nas instituições de ensino, mas, sim, de possibilitar a permanência e inclusão desses agentes em todo o processo educacional.

É nesse cenário que se insere o presente trabalho. Voltaremos nossas atenções para refletir como o uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC) tem auxiliado em algumas iniciativas e estratégias para produção de material didático bilíngue Libras/Português no ensino superior. Para tal, mobilizamos alguns fundamentos e técnicas utilizados pela pesquisa qualitativa (MINAYO, 2010; KOCHÉ, 2009). Partiremos das evidências coletadas durante as interações sociais envolvendo o processo de produção do material didático. Para tanto, apoiaremos nossas análises e reflexões no método etnográfico e na técnica de observação participante

(ANGROSINO, 2009) realizada junto à equipe da Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância – CEAD.

A CEAD é executora de um projeto de extensão e de pesquisa para atender a demanda linguística de um surdo na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Tal projeto visa a produzir material em vídeo (denominado aulas-sinalizadas) que servirá como ferramenta auxiliar no processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo matriculado nas disciplinas “Transportes”, “Projeto Geométrico de estradas” e “Geologia da engenharia”.

Este artigo está dividido em tópicos. O primeiro discute o reconhecimento de uma educação bilíngue enquanto um direito do surdo, além de discutir sobre a vivência de surdos no contexto acadêmico; no segundo tópico, a discussão gira em torno da problemática em se produzir material didático bilíngue Libras/Português; partindo para o terceiro tópico, o artigo se aprofunda, através de um relato etnográfico, no uso das Tecnologias durante o processo de criação de sinais para a gravação dos conteúdos para a aula-sinalizada (o material didático produzido).

A INCLUSÃO DE SURDOS NO ENSINO SUPERIOR

Segundo nos conta Marianne Stumpf (2006), o reconhecimento do ensino bilíngue para surdos se deu após um histórico de lutas de movimentos sociais mobilizados por educadores, pesquisadores, comunidades surdas e familiares de surdos. O reconhecimento do direito a uma educação bilíngue foi estabelecido em 1991 na França, através da lei 01-73, no artigo 33. Desse modo, em 25 de novembro de 2001, o Parlamento Europeu reconhece a Língua de Sinais como necessária à educação de surdos inseridos nas instituições de ensino. Além de ser recente o quadro de regulamentação legal do direito a uma educação bilíngue

através do uso das Línguas de Sinais na França, a realidade da inclusão de surdos e surdas na sociedade ouvinte tem mudado significativamente.

Tal situação pode ser observada em muitos outros países como por exemplo nos Estados Unidos e no Brasil. Para Marianne Stumpf, “a língua de sinais é a língua dentro da qual a criança se constituirá como indivíduo e nela será educada”. E, ainda, enfatiza que o acesso da criança surda o quanto antes à língua de sinais promoverá “o ponto de partida do reconhecimento de sua pessoa e seu acesso direto a uma língua, pois ela é visual”. Nesse sentido, tanto na França, nos Estados Unidos, quanto no Brasil, a perspectiva educacional bilíngue para surdos está amparada na ideia de que “o Bilinguismo é o objetivo visado pela criança surda. Ela deverá adquirir duas línguas: a língua de sinais e a língua de seu país em sua forma escrita [e leitura]” (2006, p. 284). Desse modo, essa autora ressalta que a oralização deixa de ser um caminho viável quando se tem a opção pela perspectiva bilíngue, mais natural e acessível aos surdos.

Por a língua de sinais ser de modalidade visual, surgiu a necessidade de mobilizar recursos proporcionados por câmeras de vídeos, computadores, *software* e *hardware* e demais aplicativos e dispositivos ligados à *internet*. Essa nova realidade alinhou um conjunto de ações interdisciplinares nos campos da antropologia, educação, computação e linguística. O trabalho inter e multidisciplinar nos contextos acadêmicos passou a ser requerido quando a problemática em questão envolvesse LIBRAS e produção de material didático.

Dados fornecidos pelo Ministério Público apontam que houve um crescimento de surdos ingressando nas instituições de ensino superior. Tal realidade reflete um conjunto de fatores que ampliaram a entrada de surdos em vários cursos universitários: a atribuição de status linguístico das línguas de sinais, o avanço da proposta educacional bilíngue e o fortalecimento da identidade linguística e cultural.

Nessa perspectiva, embora exista o reconhecimento da diferença do surdo, não há garantias para que sua permanência e adaptação ao contexto acadêmico aconteçam. Muitos surdos abandonam os cursos superiores por não conseguirem se comunicar com professores, colegas e nem tirar dúvidas em sua língua nativa, pois muitas vezes as interações e mediações em língua de sinais restringem-se à presença dos intérpretes nas aulas e durante o intervalo entre uma aula e outra. Nesse nicho social, muitas vezes, não são criadas novas condições para “superar as falhas da trajetória escolar anterior – como deficiência da linguagem, inadequação das condições de estudo, falta de habilidades lógicas, problemas de compreensão em leitura e dificuldade de produção de texto” (SAMPAIO, 2002 apud BISOL et al., 2010, p.51).

Outro estudo, realizado por Foster, Long e Snell, em 1999, investigando o cotidiano dos surdos no contexto universitário, constata que eles se sentem menos integrados às rotinas de estudos e conteúdos abordados nas disciplinas. Tal estudo destaca, ainda, que muitos professores não compreendem a particularidade do surdo e nem ao menos se preocupam em fazer adaptações à realidade do estudante (VALENTINI; SIMIONI; ZANCHIN, 2010).

Contrastando com essa realidade de negligências, algumas ações vêm sendo realizadas em nichos educacionais e institucionais de modo isolado. Como é o caso da experiência iniciada na Universidade Federal de Viçosa – UFV. Analisaremos as ações mobilizadas em torno da produção de material didático bilíngue para três disciplinas (CIV 331 – Geologia da Engenharia, CIV 311 – Projeto Geométrico de Estradas e CIV 310 – Pavimentação) do curso de Engenharia Civil, em que atualmente há um surdo matriculado. Ao longo das observações participantes, descreveremos etnograficamente o processo de construção de um método para produção de material didático bilíngue Libras/Português com o auxílio de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Além de traçarmos percalços, negociações e dificuldades encontrados pela equipe

composta por professores, coordenadores, técnicos, monitores e estagiários.

AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) E A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO BILÍNGUE LIBRAS/PORTUGUÊS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

Por que é importante observar a distinção entre línguas orais e língua de sinais? Segundo estudos realizados por linguistas, o papel da representação espacial mobilizada pela modalidade linguística viso-espacial demarca uma distinção em relação às línguas orais. Na LIBRAS, elementos visuais e espaciais são constituintes da própria unidade lexical da língua, por fazer uso da apontação e da localização espacial como aspectos gramaticais importantes: para indicar concordância verbal, especificar sujeitos e objetos e, ainda, fazer referência temporal nos enunciados. Em síntese, na Língua Brasileira de Sinais, para indicar seres animados ou inanimados, o espaço funciona como marcação para especificar qual sujeito ou objeto se está referindo – real ou fictício (PEDDEN, 1988; RATHMANN; MATHUR, 2002; apud QUADROS, 2006).

Imaginar, portanto, a produção de materiais didáticos para atender aos surdos usuários da LIBRAS requer considerar, antes de mais nada, a particularidade linguística utilizada por essas pessoas para categorizar, nomear e dar sentido para as coisas a partir de estímulos viso-espaciais. Além disso, requer levar em consideração a (im)possibilidade de se traduzir ao pé da letra os signos de uma língua para outra. É importante refletir clara e conscientemente sobre os significados e significantes mobilizados durante os processos de tradução/interpretação envolvendo a língua portuguesa e a LIBRAS (ROSA, 2006).

Humberto Eco reflete sobre os limites da tradução/interpretação. Para ele, a tradução, no caso das línguas de sinais, deve ser configurada com base na compreensão da mensagem coerente ao sentido original em relação ao contexto em que os códigos (palavras e sinais) foram produzidos (ROSA, 2006).

Partindo desse ponto, na UFV foi montada uma equipe envolvendo quatro monitores das disciplinas, coordenadores dos setores de produção audiovisual e multimídia, estagiários, instrutor surdo, intérpretes, professor surdo, professores ouvintes e técnicos. A partir desse momento, delinear-se ações em que os agentes passaram a estudar escolhas lexicais para transposição de sentidos linguísticos de termos e conteúdos das disciplinas da Engenharia Civil.

Depois de dois meses de estudos, pesquisas e treinamento através de oficinas, a equipe do projeto se capacitou e fundamentou um método para a produção do material didático, resguardando as particularidades linguísticas e culturais do surdo. Nesse sentido, a utilização de novos recursos tecnológicos e as NTIC foram incorporadas ao processo pela conformação com a sintaxe da língua de sinais (visual espacial) e logo se adequaram ao material bilíngue/aula-sinalizada, explorando a LIBRAS, o Português escrito e os recursos de vídeo e de imagem.

Durante as observações participantes, pudemos averiguar a sincronia entre os pressupostos didáticos e linguísticos e as Tecnologias. Tal arranjo representou “o campo das especificidades e diferenças de ‘ser’ ou de ‘estar’ surdo [...] e] as ‘marcas’ dos diferentes leitores surdos puderam contribuir com ferramentas para o universo da Tecnologia da Informação e Comunicação” (GUIMARÃES, 2009, p. 23).

DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE SINAIS PARA O MATERIAL DIDÁTICO BILÍNGUE

Com o ingresso de surdos em cursos de ensino superior ofertados pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), surgem novas demandas institucionais advindas da necessidade de adaptação e permanência desse novo perfil de estudante em um contexto pensado por e para ouvintes. Desse modo, a socialização desses estudantes na sala de aula e no campus da UFV explicitam um rearranjo nas interações sociais face a face no encontros envolvendo surdos e ouvintes. Nesse novo cenário, professores, estudantes, técnicos administrativos e demais funcionários do campus universitário são desafiados a perceber o diferente sem torná-lo exótico e tampouco ignorar sua existência por meio de processos de estigmatização (GOFFMAN, 1998).

Contando como apoio institucional nesse processo, a Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância – CEAD (centro de produção audiovisual e multimídia da UFV) é contatada pela Unidade Interdisciplinar de Políticas Inclusivas – UPI. Esta entrou em contato através de um ofício solicitando a produção do material didático que atendessem ao estudante surdo matriculado no curso de Engenharia Civil.

A partir daí a CEAD buscou capacitar a equipe para tal trabalho. Foram realizados grupos de estudos (06, 13, e 27/06 e 04/07 de 2016), abordando questões relativas à cultura e à língua surda (GESSER, 2009; STROBEL, 2009), aspectos educacionais bilíngues (STUMPF, 2006; QUADROS; CERNY; PEREIRA, 2008) e processo de tradução e interpretação da língua de sinais (ROSA, 2006). Além disso, a equipe participou (apresentando quatro trabalhos) do Fórum Bilíngue Libras/Português “Cultura e Tecnologia na Educação de Surdos”, realizado pelo Instituto Nacional de Educação para Surdos – INES; e ainda foi, em uma visita técnica, à TV INES, que “prioriza a Libras e conta com legendas e locução em

todos os produtos – o que a torna única na proposta de integrar os públicos surdos e ouvintes numa grade de programação bilíngue” (<http://tvines.com.br>).

Após esse percurso, formulou-se um método que preconizava o bilinguismo como estratégia comunicativa, levando em consideração a Libras como primeira língua e o Português escrito como segunda língua. Além disso, imagens, animações e vídeos da sinalização do conteúdo foram pensados como elementos que constituiriam o produto final: “aula-sinalizada”, uma adaptação da produção já realizada pela CEAD da “aula-narrada” – uma modalidade que intercala vídeo e slides em uma sequência didática que possibilita interface com o estudante através de ambientes virtuais.

Entretanto, até chegar, de fato, no produto final, um longo caminho foi percorrido: desde estudos bibliográficos a pesquisas, do momento de elaboração dos roteiros pelos professores das disciplinas até a gravação do conteúdo em Libras – consistindo a etapa de tradução pelos intérpretes e a criação de sinais pelo surdo, em interação com os intérpretes e monitores das disciplinas.

O primeiro obstáculo encontrado pela equipe foi produzir o material em quatro meses de trabalho; o segundo foi a falta de sensibilização por parte de alguns professores quanto à particularidade linguística do surdo e a necessidade da criação de sinais para alguns termos importantes ao invés do uso da datilologia; um terceiro obstáculo foi a demora em executar algumas ações por conta da falta de pessoas que agilizassem mais rápido o processo de construção de sinais. Um ponto positivo foi contar com a participação do surdo matriculado na engenharia civil, sujeito que iria ter acesso direto as aulas-sinalizadas. Tal material didático possibilitaria complementar os conteúdos ministrados pelo professor e interpretados em sala de aula. As aulas-sinalizadas seriam postadas no PVANet, ambiente virtual de aprendizagem (AVA) de auxílio pedagógico exclusivo da UFV; assim, o surdo poderia baixá-la em seu computador e assistir em casa.

No dia 21 de julho de 2016, a equipe se reuniu para criação e gravação dos primeiros sinais (G-E-O-L-O-G-I-A; F-O-R-Ç-A T-E-C-O-N-I-C-A e D-E-S-L-O-C-A-M-E-N-T-O D-E P-L-A-C-A-S). Os membros da equipe, que dominavam a Libras, explicaram ao surdo qual seria a dinâmica: os monitores explicariam a definição do conceito para os intérpretes que o interpretaria para Carlos (surdo), feito isto, a partir da compreensão do surdo, o mesmo sugeriria um sinal.

Enquanto os intérpretes iam interpretando a definição do conceito (explicada pelos monitores), Juca, em um computador ligado a uma TV LCD de 29 polegadas, reproduzia a definição escrita do conceito com a ajuda da internet e, ao mesmo tempo, pesquisava imagens referentes ao conceito no *Google* imagem. Tal exercício foi importante para que Carlos percebesse a definição e o sentido do conceito/termo com ajuda de imagens e, em seguida, pensasse em um sinal que pudesse representar seu significado adaptado para a língua de sinais. Após alguns instantes, percebeu-se alguns problemas no método para se produzir os sinais e efetuar a gravação dos mesmos. Primeiramente, Carlos tinha pouco tempo para pensar e abstrair os conceitos; segundo, a definição para cada conceito/termo deveria já estar descrita em uma listagem (com imagens, sempre que possível), pois iria facilitar o processo de compreensão do sentido e a interpretação dos intérpretes e do surdo.

A partir disso, fora estabelecido o seguinte método: (1) o monitor organiza o texto-roteiro e envia para o intérprete e para o surdo; (2) o intérprete e o surdo estudam o roteiro e destacam os conceitos e termos que não possuem um sinal equivalente em Libras; (3) o roteiro é enviado novamente para os monitores que separam as palavras (conceitos/termos) destacadas e escrevem a definição direta e clara para cada um; (4) em seguida, os monitores se reúnem com os intérpretes e surdos e repassam cada conceito/termos de modo contextualizado ao texto-roteiro. Assim, é realizada a gravação das propostas de sinais pensados pelo surdo. Carlos grava em casa no computador pessoal ou em seu celular; e, feito

isso, (5) o professor Charley Pereira Soares (professor surdo e linguista) faz a revisão linguística dos sinais criados para utilizar na aula-sinalização e no sinalário da disciplina (contendo o sinal do conceito/termo, a escrita do sinal, *signwriting*, e a definição em português).

Nesse evento etnográfico, podemos perceber o percurso de construção de linguagem amparado nas tecnologias e na LIBRAS. Tal processo, além de constituir um produto final com característica que respeita o bilinguismo, proporciona o fortalecimento da identidade linguística e cultural dos surdos. A interação social propiciada pelo processo de produção do material didático criou um ambiente inclusivo em que o surdo pode participar diretamente dos enunciados elaborados durante o momento do encontro.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das Tecnologias no processo de produção de material didático integrou-se à Língua Brasileira de Sinais. Ou seja, o processo de produção de material didático bilíngue possibilitou a produção de sentidos e a transposição linguística com a ajuda de recursos computacionais, da internet e de câmeras de vídeo. É possível dizer, com base na experiência observada na Universidade Federal de Viçosa – UFV, que as Tecnologias de Informação e Comunicação se apresentam como importantes aliadas frente aos desafios impostos à inclusão de fato de surdos no contexto de ensino e aprendizagem no ensino superior.

O contexto da sala de aula na UFV não deve ser o único espaço de interação em sua língua dos conteúdos das disciplinas (com a ajuda dos intérpretes), existindo a possibilidade para que ele possa ter acesso aos conteúdos por meio do material traduzido em sua língua, adaptado a uma compreensão de mundo diferente da do ouvinte. Assim, as aulas-sinalizadas seriam um recurso didático

capaz de mediar o conteúdo das disciplinas da engenharia através da língua de sinais e das TIC.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. Etnografia e observação participante. In: ANGROSINO, Michael. *Coleção de pesquisa qualitativa/coordenada por Uwe Flick*. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138p.

BISOL, C. et al. Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 139, p.147-172, jan./abr. 2010.

BRASIL, Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>, acesso em: 01 ago. 2016.

GESSER, A. *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles. *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998.

KOCHE, J. C. *Fundamentos de Metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. 28. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

QUADROS, R. M. O bi do bilingüismo na educação de surdos. In: FERNANDES, Eulalia (Org.) *Surdez e bilingüismo*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R.; CERNY; PEREIRA. Inclusão de surdo no ensino superior por meio do uso da tecnologia. QUADROS, R. M. de (Org.). *Estudos Surdos III*. Petrópolis, RJ: Ed. Arara Azul. 2008. Cap. 2, p. 30-55.

ROSA, A. S. A (im)possibilidade da fidelidade na interpretação da Língua Brasileira de Sinais. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.123-135, jun. 2006.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 2.ed. Rev. Florianópolis: Ed.: UFSC. 2009. 133p.

STUMPF, M. Práticas de Bilinguismo – relato de experiência. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.285-291, jun. 2006.

STUMPF, M. R. *Educação de surdos e novas tecnologias*. Florianópolis: UFSC, 2010.

WITKOSKI, S. A. Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada. *Revista Brasileira de Educação*, n.14, n. 42, Curitiba, 2009.